

A CULPABILIZAÇÃO DA MULHER VÍTIMA DE CRIME: uma análise da cobertura do caso Eliza Samúdio

Jamyle Hassan Rkain (IC) e André Cioli Taborda Santoro (Orientador)

Apoio: PIBIC CNPq

RESUMO

O presente artigo analisa como a mídia pode influenciar na culpabilização de mulheres vítimas de crimes com base na reprodução de características machistas ao reportar esses acontecimentos. Para isso, foi escolhido como objeto de estudo o assassinato de Eliza Samúdio, morta a mando do ex-companheiro Bruno Fernandes, conhecido por ser ex-goleiro do Flamengo. Modelo e atriz, Eliza teve toda a sua intimidade vasculhada pela mídia, que expôs sua vida privada, colocando-a na condição de “amante” e “prostituta”, o que culminou em julgamentos sobre a conduta da vítima por parte da opinião pública. Muitos desses julgamentos acabavam como justificativas para o crime cometido contra ela própria. Para analisar o papel da mídia nessa culpabilização, foi levantado material bibliográfico para refletir sobre como a seletividade de discursos e signos na construção de notícias podem ser instrumentos de influência nas opiniões levantadas acerca da vítima. A pesquisa buscou ressaltar - utilizando de recursos da semiótica da cultura, da sociologia e da epistemologia da comunicação - como o conteúdo das notícias podem servir para perpetuar isso na sociedade. Assim, constatou-se que o jornalismo deve buscar formas para acabar com a reprodução dessas atitudes misóginas, e não servir como instrumento de perpetuação e amplificação delas, formando profissionais capazes de identificar e evitar essas ações.

Palavras-chave: feminicídio; mídia; eliza samúdio

ABSTRACT

This article analyzes how the media can influence the blame of women victims of crimes based on the reproduction of male chauvinist characteristics when reporting these events. Therefore, the object of study chosen was the murder of Eliza Samúdio, killed at the behest of her ex-partner Bruno Fernandes, known for being a former goalkeeper of Flamengo. Model and actress, Eliza had all her intimacy searched by the media, which exposed her private life, placing her in the condition of "paramour" and "prostitute", which culminated in judgments about the conduct of the victim by public opinion. Many of these trials ended up as justifications for the crime committed against her. In order to analyze the role of the media in this blame, bibliographical material was collected to reflect on how the selectivity of speeches and signs in the construction of news can be instruments of influence in the opinions raised about the

victim. The research sought to highlight - using resources from the semiotics of culture, sociology and the epistemology of communication - how the content of the news can suit to perpetuate this in society. Thus, it was found that journalism must seek ways to end the reproduction of these misogynistic attitudes, and not serve as an instrument of perpetuation and amplification of them, training professionals capable of identifying and avoiding these actions.

Keywords: femicide; media; eliza samúdio

1. INTRODUÇÃO

Um dos grandes temas dos quais a mídia se utiliza para ter audiência, como se sabe, é a violência. Por ser um valor-notícia que mobiliza a massa e atrai olhares, ela é muito explorada em veículos. Segundo Traquina (2005, p. 84), isso ocorre porque a violência mostra uma ruptura com o que é normal. Sendo assim, a criminalidade se faz presente no jornalismo. Quando crimes são cometidos contra mulheres, a mídia esbarra em uma característica cultural da sociedade brasileira: o machismo. Porém, ao invés de denunciar o machismo existente na prática de alguns crimes, a mídia reforça argumentos misóginos que acabam por imputar culpa à própria vítima.

Para Fabiana Chaves (2015), “uma das violências mais sutis a que estão expostas as mulheres é a violência imposta pela mídia, uma violência naturalizada” (p. 3). O caso Eliza Samúdio, que este trabalho estuda, é um exemplo de como a mídia pode culpabilizar a mulher vítima de um crime. O que intriga, afinal, é a forma velada com que essa inversão de responsabilidade ameniza a culpa do criminoso. Dessa forma, considerando as características patriarcais da sociedade, quais são as ferramentas que a mídia pode utilizar para culpabilizar a mulher por um crime cometido contra ela mesma? Sejam elas imagéticas ou textuais, essas ferramentas existem e esse trabalho procura apontar algumas, tomando como objeto de análise.

Para a notícia ser desenvolvida, a realidade deve ser conhecida seletivamente, perspectivamente e construtivamente (SPONHOLZ, 2003). Sendo assim, uma notícia sempre será obtida por meio de um ponto de vista. Embora o crime não tenha sido completamente esclarecido, sabe-se que Eliza foi morta a mando de um ex-companheiro, Bruno Fernandes, com quem teve um filho. O caso ganhou bastante espaço na mídia por ter envolvimento de uma figura pública e extremamente popular, tendo em vista que Bruno atuava como goleiro do Flamengo na época do ocorrido.

O fato de Bruno estar ligado a um esporte predominantemente masculino também pode ter interferido nessa culpabilização de Eliza, como mostrou a capa de abril de 2014 da revista PLACAR, tentando colocá-lo como anti-herói. Sendo o esporte algo que reafirma valores viris (MORIN, 1997), pode-se questionar se a mídia busca ou não agradar o público masculino em assuntos esportivos.

Toda a intimidade de Eliza foi vasculhada e exposta pela mídia. As matérias faziam questão de usar meios para transformá-la em uma mulher imoral. “Ex-amante”, “garota de programa” e “atriz pornô” foram alguns dos rótulos constantemente direcionados a Eliza. A escolha de citar essas informações sobre ela não foi por acaso, pois a construção da notícia depende de como o jornalista percebe a realidade e pretende retratá-la, já que “muitos

aspectos apontam para entender, perceber e conhecer como retrato através de construção da realidade” (BENTELE apud SPONHOLZ, 1993, p. 112).

Assim como não foi por acaso as menções à traição da Princesa Diana nas matérias sobre sua morte e ao fato das estudantes argentinas mortas no Equador, no começo de 2016, estarem viajando sozinhas. Isso mostra que o machismo na mídia não é característica exclusiva da sociedade brasileira. O fato é que interessou à mídia mostrar que essas mulheres não se encaixavam no padrão de representação reservado à mulher na sociedade: a vida privada, dentro de casa, recatada e submissa.

Assim, os meios de comunicação mostram que não fazem diferente do que faziam os gregos na antiguidade. Loraux (1988) fala sobre a morte de mulheres em retiros ocultos dentro de casa, onde “não se vê a morte da mulher, mas somente uma mulher morta” (p. 49). Ao atentar para vida privada de Eliza, o jornalismo se torna o “retiro oculto” que busca mostrar quem era a mulher morta, e não o que – de fato – tirou sua vida. Essa característica, de acordo com Rosilene Santiago e Maria Thereza Dantas (2011), baseando-se nas teorias de Engel (2005) e Blay (2003), está presente na mídia desde o final do século XIX. Ao mesmo tempo que o criminoso é acusado, coloca-se a vítima como responsável pelo crime praticado contra ela mesma.

No caso de Eliza, o que a mídia fez foi construir a imagem de uma mulher mundana, libertina, vulgar e imoral. Criando, dessa forma, uma “bruxa” que merecia ser levada para a Inquisição. Tal ideia de punição da mulher que “desobedece os padrões impostos pela sociedade” remonta à ideia de “maldição de Eva”. Ambas as ideias (bruxa e “maldição de Eva”) foram construídas através do arquétipo do que é o feminino, que faz parte do inconsciente coletivo (JUNG, 2000, p. 15).

Nesse contexto, considerando uma sociedade formada nos valores cristãos, Eliza (impura) seria a responsável pela atitude de Bruno, levando-o a cometer o crime, já que “a desobediência de Eva foi a causa da morte para ela própria e para toda a humanidade”. (ST IRENEU apud SAWYER, 1992, p. 281)

Dessa forma, o artigo analisa materiais jornalísticos que contenham características de culpabilização de Eliza, sendo eles capas de revistas (Veja e Placar) e manchetes (Record/R7 e Extra). Com isso, busca-se evidenciar e entender os mecanismos que veículos de comunicação usam para manipular essa ideia de que a Eliza forneceu algum motivo para que o crime ocorresse. É importante que isso seja mostrado pois é apenas com a explicitação dessas ferramentas que isso pode ser desconstruído, quebrando essa permanência.

Edgar Morin (1997) afirma que a mulher teve sua emancipação, mas isso só ocorre no contexto de consumo. A imagem do feminino continua sendo tratada com muito preconceito,

gerando opressão. A figura da mulher é coisificada, pois “a infraestrutura do caráter feminino é atribuída à biologia: fêmea, está destinada à reprodução; mamífera, está destinada a cuidar dos filhos; primata, está subordinada a seu macho” (MORIN, 2006, p. 156). Afinal, o homem deve “possuir sem ser possuído” e essa é a “única fórmula aceitável entre o homem superior e a mulher” (BEAUVOIR, 1970, p. 248). Sendo assim, a figura feminina está sempre propensa a julgamentos e controles, aplicados a partir de uma visão masculina.

Dessa forma, a mulher torna-se um objeto que deve satisfazer as vontades do homem para que não seja punida. Essa aceitação da sociedade de que a mulher é um objeto é o que torna, para Fabiana Chaves (2015), a violência de gênero algo naturalizado.

Teorizando em cima das palavras de Ribeiro (1996), Chaves (2015) ainda aponta que “os meios de comunicação, por outro lado, não veiculam conteúdos inocentemente, na medida em que possuem um mecanismo ideológico próprio” (2015, p. 4). Portanto, sabe-se que os conteúdos midiáticos manipulam de alguma forma. Quando Eliza Samúdio insistiu para que Bruno assumisse a paternidade do filho do casal, o que foi lhe negado pelo ex-goleiro anteriormente, ela praticou um desvio e, então, foi punida por isso. A punição para Eliza, como mulher que transgrediu o poder patriarcal de um homem, foi a morte. A mídia, por sua vez, ao invés de apontar o aspecto de violência de gênero presente nesse crime, naturalizou o assassinato. Se não bastasse o machismo presente na prática do crime, os meios de comunicação buscaram traços que transformaram Eliza em uma mulher com má conduta. Assim, a mídia estabilizou a percepção do imaginário social de que ela “não era santa”.

De fato, Eliza foi garota de programa e participou de filmes pornográficos - além de ter sido amante de Bruno, ou seja, uma adúltera -, tendo sua imagem vinculada ao estigma de uma prostituta. Segundo Leonardo Dalla Valle (2010), o estigma de uma prostituta é moral, pois apresenta comportamento desviante das condutas impostas socialmente, pois,

A despeito das mudanças das formas de prostituição, está longe o dia em que a venda do sexo não será entendida como um ato sujo, feio, profano, pecador, imoral, mundano e danoso à ordem social. As marcas que a sociedade produziu para caracterizar o ato sexual que resulta em pagamento demonstram perfeitamente como as prostitutas são entendidas. (BARROS, 2005, p. 6)

Sendo assim, ao mostrar essas características sobre Eliza, a mídia acaba reforçando o fato de que ela deveria ser punida. Ou seja, a naturalização da morte de Samúdio e a culpabilização da vítima se dá quando a sociedade vê que ela se tratava de uma mulher de mau comportamento, afinal

Da mídia para o público não parte apenas influência normativa, mas principalmente emocional e sensorial, como pano de fundo de uma

estetização generalizadora da vida social, onde identidades pessoais, comportamentos e até mesmo juízos de natureza supostamente ética passam pelo crivo de uma invisível comunidade do gosto, na realidade o gosto “médio”, estatisticamente determinado. (SODRÉ, 2006, p. 23).

Por isso, a abordagem que é dada à notícia é a responsável pela sensação que o público tem ao recebê-la. O jornalista escolhe como construir a narrativa jornalística através de sua percepção do que deve ser levado ao público e isso influencia no julgamento daquele que tem contato com ela.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

a. A violência de gênero na pauta jornalística

A partir dos anos 1990, segundo Azevedo (2011), os crimes de violência contra a mulher, principalmente sexual e doméstica, começaram a ter mais espaço na mídia. Isso ocorreu, de acordo com ela, como resultado da luta das mulheres contra as justificativas presentes na sociedade e na legislação brasileira para crimes cometidos contra mulheres, como os chamados “crimes de defesa de honra”, onde estariam inclusos os crimes passionais, que nada mais são do que crimes “motivados por uma certa paixão desenfreada, extrema perturbação, ciúme e ódio descontrolado. A maioria dos crimes passionais hoje, como exposto a seguir, é cometido por homem, insatisfeito com a sua relação com a companheira” (DIOTTO, SOUTO, SELL, 2015, p. 2)

Além disso, a violência é um valor-notícia sempre presente no jornalismo para captação de público, pois “a cultura da violência é promovida pela mídia como uma resposta ao cotidiano social que busca combater a rotina, proteger-se e livrar-se do perigo, em uma negação que equivaleria a uma pessoa dizer ‘ainda bem que não aconteceu comigo’” (CARVALHO; FREIRE; VILAR, 2012, p. 436). Sendo a violência contra a mulher um dos tipos mais frequentes, tendo em vista que

a figura da mulher passou, nos últimos anos, a figurar nos meios de comunicação como uma das maiores vítimas dos índices de violência. De acordo com o mapa da violência no Brasil (Instituto Sangari, 2012), em um período de trinta anos (1980 - 2010), cerca de 91 mil mulheres foram assassinadas no país. Destas, foram 43,5 mil na década de 2000 a 2010. Estes índices fazem do Brasil, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (2012), o 7º colocado no ranking internacional de homicídios de mulheres. A desigualdade de gênero, desta forma, torna-se uma das causas da violência doméstica, através do histórico de exaltação da figura masculina que estruturou o desenvolvimento da sociedade. (DIOTTO, SOUTO, SELL, 2015, p. 5)

No caso do crime cometido contra Eliza Samúdio, além do valor-notícia “violência”, proposto por autores como Bond e Hetherington (SILVA, 2005, p. 102), existe o fato de que o

maior suspeito era o goleiro de um dos times mais populares do Brasil. Sendo uma pessoa famosa supostamente envolvida no crime, o caso passou a figurar também como matéria de entretenimento para atrair a audiência. Neste caso, valores-notícias como “famosos”, proposto por Golding-Elliot, e “importância do indivíduo”, proposto por Wolf, também são considerados na hora de pautar uma notícia (SILVA, 2005, p. 102).

b. A “culpabilização” da mulher quando vítima

De acordo com Aimê Peixoto e Bárbara Nobre, “é perceptível no cotidiano que, quando alguém fica sabendo de algum caso de violência contra uma mulher, é comum se buscar uma justificativa para tal atrocidade no comportamento anterior dessa mulher” (2015, p. 232). Isso culmina na responsabilização da vítima pelo crime cometido contra ela própria. Essa atitude é chamada nos dias atuais, principalmente pelo movimento feminista, de “culpabilização da vítima”.

Sendo assim, casos como o assédio de uma mulher que vestia minissaia ou o estupro de uma garota que voltava para casa tarde da noite são facilmente naturalizados pela sociedade ao suscitarem pensamentos como “roupa curta é para provocar homem” ou “mulher decente devia estar em casa à noite”.

Em 2016, o assassinato de duas jovens argentinas que viajavam pelo Equador causou discussão, principalmente no âmbito das redes sociais, pelas duas estarem viajando sozinhas em outro país. Essa discussão foi levada para a mídia, o que intensificou a culpabilização das duas pela própria morte.

No caso Abdelmassih, referente ao médico acusado de estupro a 39 pacientes, depoimentos de vítimas foram colocados em xeque, alegando que elas poderiam estar “se aproveitando da situação”.¹

Até mesmo o caso Elóa, no qual a vítima foi mantida em cárcere privado e depois morta pelo ex-namorado, houve a culpabilização da vítima. O caso foi transmitido incessantemente e ao vivo pela mídia brasileira, sendo transformado em espetáculo. O assassino foi colocado, por muitas vezes, como um “coitado” que a amava de forma incondicional e estava com ciúmes após o término do relacionamento, pois ela estaria supostamente se relacionando com outro homem.²

¹ De acordo com Malard (2012), o jornal Folha de S. Paulo não contribuiu para a discussão sobre violência de gênero no caso Abdelmassih, apenas corroborou para o senso comum de que “as mulheres são culpadas pela violência sexual que sofrem” (MALARD, 2012, p. 1)

² Em entrevista à revista Carta Capital, em outubro de 2016, a diretora do documentário “Quem matou Eloá?”, Livia Perez, afirmou que “Além disso, houve uma postura muito machista por parte da imprensa que enalteceu

Percebe-se, então, que essas atitudes se dão por uma visão patriarcal ainda predominante na sociedade brasileira. Essa visão aceita que

No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social homens exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência. (SAFFIOTI, 2001, p. 115)

Então, uma sociedade que apresenta esse tipo de valor, admite que uma mulher só merece ser respeitada se seguir certo padrão de comportamento pudico. Afinal, existem lugares e não-lugares na sociedade de acordo com o gênero de alguém, indicados pela dominação masculina:

A força da ordem masculina pode ser aferida pelo fato de que ela não precisa de justificação: a visão androcêntrica se impõe como neutra e não tem necessidade de se enunciar, visando sua legitimação. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica, tendendo a ratificar a dominação masculina na qual se funda: é a divisão social do trabalho, distribuição muito restrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu lugar, seu momento, seus instrumentos (BORDIEU apud SAFFIOTI, 2001, p. 118)

Portanto, uma mulher que não se comporta como a sociedade espera, insistindo em se deslocar do local onde é colocada pela ditadura patriarcal seria merecedora de coisas ruins que acontecessem com ela. Afinal, ela não estaria cumprindo o seu papel social, que – de acordo com a ideologia machista, dominante – é ocupar o espaço privado. Ou seja, permanecer no âmbito doméstico.

c. A culpa de Eliza Samúdio

Com Eliza Samúdio, a questão de culpabilização da vítima não foi diferente e talvez tenha chegado a um nível que tenha escancarado esse tipo de atitude. A mídia teve papel crucial nisso, tendo vasculhado e disseminado informações sobre a vida privada da vítima para o conhecimento do público, posicionamento sustentado de diversas formas durante a cobertura jornalística do caso.

a personalidade do criminoso e romantizou o tipo de crime que era praticado naquele momento. A atuação da imprensa foi abusiva pois o feminicídio é um problema muito sério no Brasil que é o quinto país que mais mata mulheres no mundo e apesar da imprensa explorar intensamente o crime não o discutiu de forma séria. Isso é um problema principalmente no caso das tevês abertas que se tratam de concessões públicas”.

Enquanto a mídia noticiava apenas que Eliza era mãe de filho de Bruno e pedia pelo reconhecimento da paternidade do garoto, ela permanecia como a vítima de um crime bárbaro, já que estava rotulada como “a mãe”. Ou seja, até então Eliza cumpria o papel da mulher na sociedade.

As coisas tomaram rumo diferente quando começaram a vir à tona declarações de Bruno sobre o passado de Eliza. O ex-goleiro alegava que a vítima seria garota de programa e mantinha relações com vários jogadores de futebol. No mesmo momento, informações sobre ela ter participado de filmes pornográficos começaram a ser veiculadas pela mídia. A partir de então, Eliza saiu do espaço privado reservado à mulher na sociedade e foi para o espaço público. Ela passou, então, a ser colocada em um estigma moral: o de prostituta. Os estigmas morais são “atribuídos aos indivíduos que se distanciam das normas sociais impostas, apresentando um comportamento desviante” (DALLA VALLE, 2010, p. 51). Então, ela passava a não merecer respeito, pois

(...) as relações de mãe e esposa têm a singularidade, em parte como alguma coisa de natural que pertence ao prazer, em parte como alguma coisa de negativo que nelas contempla simplesmente seu próprio desaparecimento; é exatamente por isso que em parte também essa singularidade é alguma coisa de contingente que pode sempre ser substituída por outra singularidade. No fundo do reinado erótico, não se trata deste marido e sim de um marido em geral, de filhos em geral. Não é na sensibilidade mas sim no universal que assentam essas relações da mulher. A distinção entre a vida ética da mulher e a vida ética do homem consiste exatamente no fato de que a mulher, em sua distinção pela singularidade e em seu prazer, permanece imediatamente universal e estranha à singularidade do desejo. Ao contrário, no homem, esses dois lados separam-se um do outro e como o homem possui como cidadão a força consciente de si e a universalidade, adquire o direito do desejo preservando ao mesmo tempo sua liberdade em relação a esse desejo. Assim, se a essa relação da mulher se mistura a singularidade, seu caráter ético não é puro; mas na medida em que esse caráter ético assim é, a singularidade é indiferente e a mulher é privada do reconhecimento de si, como este si em um outro. (HEGEL apud BEAUVOIR, 1970, p. 176)

Além disso, o contato de Bruno com Eliza era fruto de relacionamento extraconjugal do então goleiro. O nome de Eliza não vinha mais acompanhado pela expressão “mãe do filho de Bruno” nas manchetes jornalísticas nos meios de comunicação, mas sim da expressão “ex-amante (ou amante) de Bruno”. Eliza agora tinha adjetivos que a transformaram em uma mulher com conduta não aceita pela sociedade: prostituta, amante e atriz pornô. Isso é inconcebível na sociedade pois, segundo Beauvoir

Os moralistas bem pensantes respondem, escarnecendo, que as histórias comoventes das prostitutas são romances para uso do cliente ingênuo. Com efeito, em muitos casos, a prostituta teria podido ganhar a vida de outro modo: mas, se o que escolheu não lhe parece o pior, não é prova de que tenha o vício no sangue; isso antes condena uma sociedade em que tal profissão é ainda uma das que parecem menos rebarbativas a muitas mulheres. (BEAUVOIR, 1970, p. 324-325)

Então, volta-se à questão da procura de justificativas para o crime: o comportamento anterior de Eliza, não condizentes com os padrões morais aceitos pela sociedade, justificaria a sua morte. Pode-se ver nisso uma memória da condição de Eva, culpada pela expulsão do paraíso por comer o fruto proibido.

d. A influência do discurso midiático na percepção do público

Para melhor entender como funciona a relação entre jornalismo e público, é necessário compreender aspectos semióticos e epistemológicos das notícias. Isso porque a obtenção de uma notícia é, como já citado anteriormente nas palavras de Liriam Sponholz (2003), feita diante de uma análise seletiva, perspectiva e construtiva do acontecimento.

Afinal, “os jornalistas têm os seus óculos particulares através dos quais veem certas coisas e outras não, e veem de uma certa maneira as coisas que veem. Operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado” (BORDIEU apud TRAQUINA, 2005, p. 77). As notícias seriam, então, construídas “por pessoas que operam, inconscientemente, num sistema cultural, um depósito de significados culturais armazenados e de padrões de discursos” (SCHUDSON apud TRAQUINA, 2005, p. 170-171).

Além disso, deve-se estar atento para a questão do receptor, ou seja, de como o público recebe essa notícia, dando significações próprias para aquilo que é informado a eles, porque

Quando falamos de recepção nesse sentido, não estamos falando de uma recepção individual, senão da recepção como fenômeno coletivo, da sociedade da recepção [...]. e dizer, estudar a recepção como fenômeno coletivo é estudar este novo mundo de fragmentações dos consumos e dos públicos, essa liberação das diferenças, essa transformação das sensibilidades que encontram um campo especial na reorganização das relações entre o privado e o público. (MARTÍN-BARBERO Apud BRITTOS, 1999, p.03)

Sendo assim, chega-se ao *habitus*, proposto por Bordieu, que seria “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações” (BORDIEU, 1983, p. 65). Ou seja, a significação de uma notícia é dada pelo público de acordo com sua carga cultural.

No caso de uma sociedade com carga cultural machista, obter informações sobre uma mulher que não se portava de acordo com os padrões de submissão patriarcal, produz um julgamento contrário a ela. Isso é chamado por Mauro Wolf de percepção seletiva, quando “a interpretação transforma e adapta o significado da mensagem recebida, fixando-a às atitudes e aos valores do destinatário até mudar, por vezes, radicalmente, o sentido da própria mensagem” (WOLF, 2009, p. 39). Concebe-se, assim, uma opinião pública – advinda da massa – sobre algo ou alguém. Já que os

“aspectos do mundo que têm a ver com o comportamento de outros seres humanos, na medida em que o comportamento cruza com o nosso, que é dependente do nosso, ou que nos é interessante, podemos chamar rudemente de opinião. As imagens na cabeça destes seres humanos, a imagem de si próprios, dos outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamentos, são suas opiniões públicas” (LIPPMANN, 2008, p.40).

E quando essas opiniões ficam mais cristalizadas com o passar do tempo, elas se tornam opiniões acerca de estereótipos (LIPPMANN, 2008). No caso da opinião acerca de Samúdio, as opiniões se constroem em torno do estereótipo de uma mulher culpada cometidora de pecados. Semioticamente, isso remete ao mito do pecado original, assim como “Chapeuzinho comida pelo lobo, Eva expulsa do paraíso, Mariazinha ameaçada pela bruxa, Pandora abrindo a caixa das desgraças – têm a mesma origem mítica e o mesmo objetivo: mostrar que a mulher, criança ou adulta, é sempre culpada pelos males do mundo” (MENDES, 2009, p. 2).

Os discursos da mídia, no caso de Eliza Samúdio, estiveram presentes tanto em palavras quanto em imagens. Duas imagens que chamaram muita atenção sobre o caso são capas das revistas Veja e Placar, de 2010 e 2014, respectivamente.

Figura 1: Capas das revistas Veja e Placar sobre Bruno



Fonte: Revista Veja/Revista Placar

Na capa da revista Veja, Bruno aparece em primeiro plano, com uma luz clara sobre o rosto. Além disso, atrás dele, a foto de Eliza aparece como um espectro: o fantasma que o

assombrava. A manchete, “Traição, orgias e horror: O mundo do goleiro do Flamengo, ídolo da maior torcida do Brasil, ameaça ruir”, deixa em evidência o fato de que ele é ídolo da maior torcida do Brasil, o que pode dar a impressão de “anti-herói”. A revista Placar de abril de 2014 é ainda mais problemática, quando não faz nenhum apontamento na manchete de que Bruno é o maior suspeito – ou mesmo culpado – da morte de Eliza. A última revista escolhe dar destaque para um tipo de humanização do homem considerado culpado por um feminicídio escabroso do que apontar seu crime. O fundo claro na fotografia que ilustra a capa ameniza a imagem de Bruno, como se sua “aura” fosse clara.

Esses elementos semióticos nas imagens também provocam uma percepção daqueles que as observam. Os signos presentes nelas são os responsáveis por causar essas percepções e cada um tem um significado inerente na cultura:

O signo tem que ser capaz de ser percebido pelos sentidos, tem de ser produzido por seres vivos – animais ou homens – e recebido e interpretado por receptores igualmente vivos. Cada objeto conhecido por nós contém em si uma informação latente, que nós percebemos pelos nossos sentidos. Neste momento, aquela informação latente modifica-se e se transforma numa informação atualizada. Por isso, tudo o que percebemos já é uma informação atualizada do objeto. Os signos são objetos especiais porque não contêm apenas informações sobre si próprios, mas também informações sobre aquilo que está imanente dentro dele. (BYSTRINA, 1995, p. 3)

Esses signos não estão presentes apenas em imagens, mas também em textos escritos. Quando fala-se da escolha por adjetivos como “ex-amante” para acompanhar as manchetes, também é um signo com um significado para o público. No site R7, vinculado à emissora Record, e no Jornal Extra, vinculado à editora Globo, isso pode ser encontrado em manchetes, como “Caso Eliza Samudio: Bruno admite morte da ex-amante e culpa Macarrão”, no R7, e “Caso Bruno: goleiro admite pela primeira vez que ex-amante foi morta, e incrimina Macarrão e Bola” no Jornal Extra.

3. METODOLOGIA

Para a análise proposta nesse estudo foi utilizada, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica que abrangesse assuntos como a representação da figura feminina na sociedade e na mídia: como a mulher pode ser caracterizada com diferentes facetas e significações no âmbito público, como os estudos de Heleieth Saffioti. Também foi importante levantar autores que falassem sobre a criação de imagens e discursos pela mídia: as consequências que diferentes percepções colocadas pela mídia podem causar, sendo ativamente manipulativas (quando escolhidas pela mídia) ou passivamente manipulativas (quando escolhidas pelo público), como Traquina e Bordieu. Este último levantamento aponta para uma reflexão epistemológica na análise, enquanto o levantamento de nomes como Lippmann e Bystrina cuidaram de sustentar a parte semiótica da análise.

A semiótica foi utilizada para analisar tanto textos escritos quanto textos presentes nas imagens usadas nas capas da revista *Veja* (2010) e *Placar* (2014), para apontar como certos signos podem interferir nas percepções do público sobre o que vê.

Foram feitas três entrevistas com profissionais que trabalham com mídia e gênero (as jornalistas Maria Carolina Trevisan, Andrea Dip e a professora Rosana Schwartz), apenas para esclarecimento de dúvidas e contestações de algumas afirmações que poderiam vir a ser errôneas no decorrer do artigo, com a intenção de buscar exemplos e também fontes textuais.

A pesquisa das notícias sobre o caso revelou a repetição de termos como “ex-amante” e “garota de programa”, que passaram a ser confrontados com base na pesquisa bibliográfica, refletindo sobre o real valor da utilização desses termos para a percepção do público sobre o crime e a vítima.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

A culpabilização da vítima de um crime pelo que foi cometido contra ela ocorre em um esforço de justificar o que aconteceu, muitas vezes ignorando o próprio criminoso como autor do delito. É comum encontrar tentativas de justificações com base em algum argumento misógino quando a vítima de um crime é uma mulher.

Isso acontece por causa do espectro patriarcal que ronda a sociedade, sendo um fator que deveria ser combatido pela mídia, mas acaba sendo reforçado em alguns tipos de discursos e na utilização de signos para noticiar o acontecimento. Esses discursos e signos são selecionados pelos próprios jornalistas com base em seus julgamentos do que é melhor reportar.

Ao selecionar, ordenar e enunciar os acontecimentos da história, os meios de comunicação apresentam-se como um lugar de tensão em que operam forças que levam tanto ao enfraquecimento da memória e ao esquecimento, quanto à sua estabilização (RIBEIRO apud CHAVES, 2015, p. 4).

Assim, quando o jornalista escolhe por selecionar informações como as da vida privada de Eliza para falar sobre a notícia, ele dá munção para que os julgamentos feitos pela sociedade caiam em cima da vítima, não do criminoso.

Por mais que não seja encontrada uma relação dita direta de alguma atitude da mulher violentada, ou das mulheres em geral, com a violência sofrida, prevalece no imaginário de grande parte das pessoas a dúvida quanto à existência de uma possível “culpa indireta” de tal vítima. Sendo essa dúvida sanada com a imediata responsabilização da violentada. (NOBRE, PEIXOTO, 2015, p. 232)

A pesquisa mostra, portanto, que embora muito já tenha sido alcançado na luta contra a violência de gênero, ainda é preciso muito para que ela e seus focos sejam eliminados e para que não haja cumplicidade da mídia em sua naturalização.

Foi necessária mais de uma semana, por exemplo, para que surgisse uma manchete do portal R7 que tratasse o crime contra Eliza como um crime de violência de gênero. A lista abaixo foi retirada do arquivo do portal sobre o caso. Apenas no dia 5 de julho de 2010, às 13h40, surge uma reportagem que dê enfoque ao fato de Eliza ser vítima de violência de gênero:

10h01 - Não haverá depoimentos sobre sumiço de jovem	3 de junho de 2010	16h55 - Pai de Eliza consegue guarda provisória do neto
07h44 - Caseiro viu ex-namorada de goleiro em sítio	08h57 - Com medo de Bruno, amiga de Eliza deixa Santos	16h29 - Bruno nega manter jovem em cárcere privado
29 de junho de 2010	2 de julho de 2010	15h29 - Bombeiros retomam buscas por corpo de Eliza
20h57 - Amigo de goleiro Bruno deixa sítio com sacola	23h14 - Muro do Fla aparece pichado chamando Bruno de "assassi	14h11 - Polícia ouve jovem sobre caso Eliza Samudio
16h33 - Carro de goleiro do Flamengo passa por perícia	22h32 - Mãe de Eliza Samudio quer a guarda do neto	13h33 - Polícia pode convocar goleiro Bruno para depoimento
15h18 - Amigo do goleiro Bruno é procurado pela polícia	10h20 - Pai de Eliza diz que Bruno prometeu casa	13h32 - Mãe de Eliza vai a BH coletar amostra de DNA
15h01 - Vestígios em carro de goleiro podem ser sangue	08h58 - Traficante teria sumido com Eliza por R\$ 70 mil	11h49 - Polícia pode indiciar Bruno sem corpo
12h11 - Delegado diz que Bruno é o principal suspeito	07h59 - Outro carro do goleiro Bruno pode ser periciado	08h20 - Ex-mulher de goleiro vai depor novamente
28 de junho	1 de julho de 2010	06h00 - Não interessa, diz pai de Eliza sobre vídeo pornô
23h47 - Busca por corpo de ex de Bruno continua em MG	17h08 - Justiça libera quebra de sigilo de Eliza Samudio	5 de julho de 2010
19h07 - Polícia busca corpo em sítio do pai de Bruno	15h18 - Eliza diz ter se relacionado com Cristiano Ronaldo	21h40 - Polícia vai investigar computador e mensagens de Eliza
17h41 - Justiça autoriza busca em sítio de goleiro do Flamengo	14h53 - Tia de Bruno acredita que sobrinho é inocente	19h39 - Bruno poderá ser ouvido até semana que vem
16h20 - Pai da ex-amante do goleiro consegue a guarda do neto	13h23 - Mãe de ex de goleiro quer a guarda do neto	18h33 - Sandália e óculos achados em carro são de Eliza
12h26 - Flamengo afasta Bruno temporariamente	13h01 - "Entreguei nas mãos de Deus", diz goleiro Bruno	15h29 - Correção: Exame de Eliza será encaminhado à polícia
27 de junho	12h09 - Resultado de exame de Eliza sairá até sexta	13h40 - Sumiço de Eliza tem perfil de violência contra mulher
21h16 - Polícia de MG não consegue buscar corpo	09h49 - Eliza pode ter sido coagida a ligar para amiga	13h11 - Defesa alega que provas dizem que Eliza morreu
18h53 - Pai de ex de goleiro vai acompanhar investigação	08h49 - Caseiro diz que sítio de goleiro foi assaltado	12h50 - Polícia encontra fralda perto de lagoa em MG
17h15 - Polícia procura corpo de ex do goleiro Bruno	30 de junho de 2010	11h33 - UFRJ diz que exame de Eliza irá para polícia
08h15 - Goleiro do Flamengo nega participação em sumiço	23h40 - Família de ex de goleiro oferece recompensa	10h49 - Buscas continuam em sítio de goleiro
26 de junho	19h47 - Polícia faz buscas para achar ex de goleiro	10h32 - Advogado da família Samudio conversa com delegados
19h24 - Goleiro do Flamengo é suspeito de crime em MG	13h02 - Polícia encontra sangue em carro de goleiro	10h17 - Polícia diz que amigo de goleiro ainda não prestou depoimento
	12h37 - Corpo no IML não é da ex-namorada do goleiro Bruno	08h51 - Amiga diz que Eliza Samudio recebeu ameaças
	10h01 - Não haverá depoimentos sobre sumiço de jovem	07h41 - Polícia promete revelar novidades do caso Eliza

Além disso, no período presente na lista, pode-se perceber mais menções a Bruno do que a Eliza. Isso ocorre pois Bruno se trata de uma figura pública e coloca a vítima, Eliza, em segundo plano. Segundo Felipe Borges e Bruno Leal (2014), Eliza

passou ser cada vez mais apagada pela mídia, num movimento contrário. Responsável pelo destaque atual dado ao goleiro, e sempre associada a ele, Eliza tornou-se um fantasma, na medida em que assombra a imagem do goleiro, mas também fica à sua sombra, desaparecendo da cobertura midiática. (BORGES; LEAL, 2014, p.2)

Discorrendo sobre o caso, Borges e Leal ainda ressaltam que alguns veículos tiveram o cuidado em como adjetivar Eliza, para evitar a culpabilização:

O receio em se adotar "atriz pornô" e o seu "disfarce" sob a profissão de modelo revelam uma vontade de encobrir ou desvalorizar o que Eliza fazia. Podemos pensar também que é uma forma de protegê-la (ainda que de forma problemática, por se tratar de uma proteção que reforça preconceitos e um modelo moral), já que boa parte dos leitores não se apiedaria da moça que

“não é de família” e até mesmo jogaria nela a culpa (como, de fato, é recorrente) - ou seja, ela mereceria morrer. (BORGES; LEAL, 2014, p. 8)

Em matéria publicada no dia 08/07/2010, às 11h17, o portal R7 noticiou “Bruno pediu Bíblia e fez oração antes de dormir”. A informação, irrelevante para o desdobramento do caso, mostra como o caso foi tratado como entretenimento, mas o mais importante se tratando dessa matéria é que, enquanto o texto coloca Bruno como um “homem de Deus”, se refere a Eliza Samúdio como “ex-amante”, intensificando dois estereótipos: um que merece clemência (Bruno, o religioso) e outro que não merece clemência (Eliza, a imoral).

Outra matéria, veiculada pelo portal no mesmo dia, às 08h33, informa “Computador apreendido de Eliza Samudio tinha como senha ‘amor e ódio’”. A dualidade exposta entre amor e ódio mostra que Eliza pensava em dois polos: um positivo (amor) e outro negativo (ódio). Além dessa polaridade no título da matéria, o texto aponta assimetria e binariedade: ela trata com destaque o fato do computador de Eliza ser utilizado para trocar mensagens com jogadores de futebol e armazenar gravações de ligações que tinha com eles. Aqui vemos intensificado o polo negativo de Eliza, apresentando assimetria, pois exibe a vítima como a mulher que tinha contato com muitos jogadores, não só Bruno. Ou seja, Eliza seria ainda mais imoral – aqui pode-se ver a binariedade - por manter relações com Bruno e “outros jogadores famosos”. De acordo com Bystrina (1995, p. 7), “polo marcado ou sinalizado negativamente é percebido ou sentido muito mais fortemente que o polo positivo”. Para Denise Paiero (2012, p. 18) existe um “fortalecimento dessas assimetrias pela mídia, já que, ao buscar um repertório comum, as estruturas mais básicas da cultura servem como fundação para o discurso midiático”.

O jornal Extra publicou, em 14 outubro de 2009, um vídeo de entrevista com Eliza, no qual ela contava de agressões de Bruno e amigos a ela. A investigação disso pela imprensa não teve continuidade. Após o desaparecimento de Eliza, o Extra, porém, publicou vídeo no qual ela afirmava manter relações com outros jogadores, entre eles Cristiano Ronaldo, reafirmando a posição de que Eliza se envolvia com muitos homens, o que colocaria em xeque a alegação do filho ser de Bruno, por exemplo.

Esses são exemplos de como informações que não interessavam para o desenrolar do caso foram exploradas pela imprensa como forma de entretenimento, já que Bruno era uma celebridade e Eliza mantinha envolvimento com outros jogadores famosos. As informações não serviam para nada além de reforçar a imagem de imoral de Eliza, que gostava de se envolver com diversos jogadores de futebol. Soihet (2009, p. 160) afirma que “jornais, revelam-se imprescindíveis a fim de avaliar como tais conflitos eram noticiados. Possibilitam analisar o discurso utilizado segundo valores que deveriam disseminar-se por toda a sociedade, iluminando os comportamentos desejáveis aos homens e mulheres”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi levantado neste artigo, verifica-se que a mídia deve ter mais responsabilidade quando for reportar crimes cometidos contra mulheres. A cultura patriarcal a qual a sociedade está submetida faz com que significado de notícias passem a ser colocados de outra forma, tendo em vista os valores que são acatados por essa sociedade.

Deve-se pensar se é mesmo necessário, por exemplo, informar que uma garota que foi estuprada estava trajando um vestido curto ou se a informação de que a mulher assassinada participou de filmes pornô é realmente relevante para o desenrolar de uma notícia, pois existe uma influência midiática nas relações em sociedade. As notícias empregadas sem um pensamento crítico sobre o que está por trás delas podem ocasionar males no julgamento social extremamente tendencioso, calcado no moralismo patriarcal.

No caso estudado, ocasionou a culpabilização de uma vítima de feminicídio e chegou até mesmo a amenizar as críticas sobre o culpado, escancarando o debate sobre como a vida das mulheres não é valorizada. Afinal, essas atitudes levam à naturalização do feminicídio, tendo em vista que colocam a mulher como inferior ao homem e causam a desumanização da vítima. Segundo Chaves (2015, p.3), “desumanizar a mulher é deixar de vê-la como um ser humano, ou seja, como igual. Isso faz com que várias violências e desrespeitos a seus direitos humanos sejam socialmente aceitos, sejam naturalizados”.

Refletindo sobre como a mídia também pratica uma violência contra a mulher, Fabiana Chaves (2015) elenca algumas das violências que ela produz:

“a violência de ver seu corpo fragmentado como seios e nádegas para vender cerveja e carro; a violência de ver a dupla jornada de trabalho naturalizada pelas propagandas e novelas; a violência de ser desumanizada e vista apenas como um corpo a ser consumido; a violência de ver os crimes de violência doméstica e feminicídio atenuados pelo jornalismo; de ser excluída dos espaços de decisão e dos processos de criação na mídia; de ser futilizada dia após dia por meio da generalização.” (CHAVES, 2015, p.3)

Ao se referir à atenuação da violência doméstica e do feminicídio pelo jornalismo, Chaves aponta para como a naturalização desse tipo de violência de gênero ainda precisa de muita atenção para ser combatida. É preciso, portanto, que haja a formação de comunicadores que se preocupem em não transmitir essa visão misógina, perpetuando-a nos discursos midiáticos, e conseqüentemente na sociedade, pois “a problematização dos discursos e das relações instituídas os canais de comunicação pode conduzir a novas formas de veicular os fatos e possibilitar que a mídia jornalística se torne ferramenta de enfrentamento da violência contra a mulher” (SOUZA, OLIVEIRA, CARVALHO, 2016, p. 273)

Nos últimos anos, iniciativas independentes de mídias feministas têm surgido para denunciar e ir na contramão desses discursos machistas naturalizados da mídia tradicional, abrindo caminho para que o pensamento crítico sobre esses temas seja valorizado. Também é importante que exista a educação da sociedade contra o sexismo, o que ajudaria a ver o absurdo que é culpar uma vítima por um crime cometido contra ela mesma.

6. REFERÊNCIAS

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2 ed. Rio de Janeiro, Editoria UFRJ, 1995.

BARROS, Lúcio Alves de. *Mariposas que trabalham. Uma etnografia da prostituição feminina na região central de Belo Horizonte*. Jus Navigandi, Teresina, ano 9, n. 827, 8 out. 2005. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=7356>>. Acesso em: 28 jul. 2017

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. Disponível em: <<http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2017

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

BORGES, Felipe; LEAL, B. S. *O fantasma de Eliza Samudio*. In: Intercom, 2014, Foz do Iguaçu. Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2014.

BRITTOS, Cruz Valério. *Comunicação e cultura: o processo de recepção*. Labcom/ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 1999. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/brittos-valerio-Comunicacao-cultura.html>> Acesso em: 29 jul. 2017

BYSTRINA, Ivan. *Tópicos de Semiótica da Cultura*. Pré-print. Trad. Norval Baitello Jr. e Sônia Castino. São Paulo: PUC-SP, 1995.

CARVALHO, Denise W.; FREIRE, Maria Teresa; VILAR, Guilherme. *Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil*. Revista Panamericana de Salud Pública, [s.l.], v. 31, n. 5, p.435-438, maio 2012. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/rpsp/v31n5/a12v31n5.pdf>> Acesso em: 29 jul. 2017

CHAVES, Fabiana Nogueira. *A naturalização do machismo e a necessidade de educação em Direitos Humanos para comunicadores*. In: XIV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 2015, Manaus - AM. Anais do Intercom Norte 2015: Comunicação, Cultura e Cidade Espetáculo, 2015. p. 1-13. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/norte2015/resumos/R44-0606-1.pdf>> Acesso em: 27 jul. 2017

DIOTTO, N.; SOUTO, R. B.; SELL, C. L.. *Violência doméstica e crimes passionais: os reflexos sociais do amor e ódio e a mídia como ferramenta de prevenção e conscientização*. In: Seminário de Ensino Pesquisa e Extensão, 2015, Cruz Alta. Anais do XX Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão, XVIII Mostra de Iniciação Científica; XIII Mostra de Extensão, II Mostra da Pós-Graduação e I Mostra de Iniciação Científica Júnior, ?Ciência, Tecnologia e Inovação?.. Cruz Alta: Unicruz, 2015. Disponível em: <<https://www.unicruz.edu.br/seminario/anais/XX/Graduacao/Graduacao%20-%20Trabalho%20Completo%20-%20Sociais%20e%20Humanidades/VIOLENCIA%20DOMESTICA%20E%20CRIMES%20PASSIONAIS%20OS%20REFLEXOS%20SOCIAIS%20DO%20AMOR%20E%20ODIO>> Acesso em: 30 jul. 2017

LIPPMANN, Walter. *Opinião Pública*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MENDES, Mariza Bianconcini Teixeira. *Crime e castigo no paraíso: a armação do sentido no mito bíblico do pecado original*. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 7, n. 1, 2009.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: neurose*. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *Cultura de massas no século XX: necrose*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

PAIERO, Denise Cristine. *Mídia e terror: a construção da imagem do terrorismo no jornalismo*. 2012. 259 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

PEIXOTO, Aimê Fonseca; NOBRE, Barbara Paula Resende. *A responsabilização da mulher vítima de estupro*. Revista Transgressões: CIÊNCIAS CRIMINAIS EM DEBATE, Natal, v. 3, n. 1, p.227-239, maio 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/transgressoes/article/viewFile/7203/5331>> Acesso em: 29 jul. 2017.

SANTIAGO, Rosilene Almeida; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. *A violência contra a mulher numa perspectiva histórica e cultural*. In: II Seminário Enlaçando Sexualidades, 2011, Salvador. Anais do II Seminário Enlaçando Sexualidades. Salvador, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5234/1/A%20VIOL%3%8ANCIA%20CONTRA%20A%20MULHER%20NUMA%20PERSPECTIVA%20HIST%3%93RICA%20E%20CULTURAL.pdf>> Acesso em: 29 jul. 2017.

SAWYER, Deborah. *Ressurrecting Eve? Feminist critique of the Garden of Eden*, in MORRIS, Paul; SAWYER, Deborah (org.), *A Walk in the Garden, Biblical, Iconographical and Literary Images of Eden*, Journal for the Study of the Old Testament, Supplement Series, 136, Sheffield, 1992.

SODRÉ, Muniz. *Eticidade, campo comunicacional e midiatização*. In: MORAES, Denis. *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SOIHET, R.. *Relações de Gênero e Formas de Violência*. In: Bustamante R.M. da C. e Moura J. F. de. (Org.). *Violência na História*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X Faperj, 2009.

SPONHOLZ, Liriam. *Objetividade em Jornalismo: uma perspectiva da teoria do conhecimento*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, no 21 agosto de 2003. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da281020031p.htm>>. Acesso em: 29 jul 2017

SAFFIOTI, Heleieth I.B. *Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero*. Cad. Pagu, 2001, no.16, p.115-136. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>> Acesso em: 29 jul. 2017

SILVA, Gislene. *Para pensar critério de noticiabilidade*. Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis, v.2, n.1, p. 95-106, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2091/1830>> Acesso em: 29 jul. 2017

TRAQUINA, Nelson. *O que é Jornalismo*. Lisboa: Quimera Editores, 2002

_____. *Teorias do Jornalismo II: Tribo Jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular. 2005.

VALLE, Leonardo Dalla. *Daspu e a redefinição da representação social da prostituta nos meios de comunicação de massa do Brasil*. 2010. 159 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2010. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/89369/valle_Id_me_bauru.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 jul. 2017

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 10.ed. Lisboa: Presença, 2009

Contatos: jamylerkain@gmail.com e andre.santoro@mackenzie.br